3 1761 06184641 6

VASCO DA GAMA

DE

Antonio Francisco Barata

PQ
9261
B26V37
1872
v.1
HARRIS

dor
arnada
—Lisboa

VASCO DA GAMA

POEMETO

DE

ANTONIO FRANCISCO BARATA

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1872

LIBRARY
SEP 2 8 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

TRIBUTO PUBLICO

DE RESPEITO, AFFECTO E GRATIDÃO

AO DISTINCTO ESCRIPTOR

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

NO DIA DO SEU DOUTORAMENTO EM MEDICINA

NA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O. D. C.

Antonio Francisco Barata

Abríra um concurso publico de poesias laudatorias de Vasco de Gama a nossa Academia Real das Sciencias.

Depois do muito e do excellente que se tem escripto sobre o assumpto, desde Camões até Mendes Leal, sempre julguei dispensavel este concurso.

Quem ha ahi, hoje em dia, que possa exceder, ou, quando menos, competir com aquelles?

Excluidos do certamen os mestres, aberta e franca se offerecia a todos a entrada. Entrei tambem.

Sem embargo de haver tirocinado já 'neste genero de poesia historica, não me sentia com forças para tão sublime objecto.

Uma causa íntima, porém, que não mirava o *premio vil,* me deliberou, de vez, a encetar tão delicado trabalho. Como íntima a conheço eu, e a poderá comprehender o cavalheiro a quem offereço esta composição.

Por elle me brotou espontanea d'alma; hoje lh'a dedico jubiloso: pertence-lhe.

Singelos cantos são os meus haveres; não posso dar outra cousa ao amigo e mestre.

Evora, 20 de outubro de 1872.

Antonio Francisco Barata.

VASCO DA GAMA

Á minha lyra o panno
Pelo mar soltarei dos teus louvores.
DINIZ.

Ó Sparta do occidente, ó patria amada,
Vestal que o fogo do valor inflammas;
regia princeza pelo mar banhada
'num throno excelso de floridas ramas;
tu, que dos filhos teus ora lembrada
ao mundo vaes mostrar que os não desamas,
deixa que um canto solte altisonante
do mar da India ao inclyto Almirante.

E tu, grande Camões, Macedo, Elpino,
benignos relevae a audacia minha;
pois sei que o canto meu não será dino
do preclaro varão, como convinha;
nem posso igual a vós soltar um hymno,
qual na vontade grandioso tinha,
que um brado fosse dar pelo universo,
seu nome proclamando em nobre verso.

E vós, ó Tyro altiva, ó grande emporio,
ó rainha do mar em tempo antigo;
alta Carthago, cujo sceptro equoreo
domina as ondas, avassalla o imigo:
e tu, com teu poder sempre notorio,
bella Veneza do commercio abrigo,
um termo põe no Estreito á aguda prôa,
que a todo o oceano vae sulcar Lisboa.

E vós, punico Hannon, e vós Pythêas,
Alexandre e outros mais depois de Rauda,
cujas feitos no mar são epopêas,
que a historia insculpiu em bronzea lauda;
em parte desculpae minhas idêas
e o breve canto meu, se vos defrauda
esse applauso immortal, a eterna fama,
cantando o portuguez Vasco da Gama.

I

Nascêra forte e guerreiro
nas batalhas Portugal;
fôra armado cavalleiro,
ganhára o manto real
em Val-de-Vez, em Ourique,
á voz do filho de Henrique
depois de lucta immortal.

Crescida, forte e valente,
a dynastia affonsina,
com mão robusta e potente
ao mouro decreta a ruina,
e, dilatando as fronteiras,
das quinas ergue as bandeiras
em cem praças que domina.

Impera a cruz no occidente;
desaba o throno do Islam;
jaz abatido o crescente
aos pés da raça christã:
abundam na patria historia
famosos feitos, de gloria
'nessa heroica ante-manhã.

Quadra de bellico esforço
consolida a liberdade;
não abate á vaga o dorso
com valente heroicidade,
mas tem pundonor e brio,
tem do reino o senhorio,
tem severa austeridade.

Prepara a idade brilhante
de nossa altiva grandeza,
quando, em terra e mar ovante
esta nação portugueza,
abre a porta a novos mundos,
e a mil povos vagabundos
amança a feroz braveza.

E, depois, em D. Fernando
vem terminar a final,
na patria historia deixando
uma pagina immortal,
a pesar d'essa fraqueza
com que de um rei a molleza
enervára Portugal!...

Notavel é a atonia,
depois de tanto esplendor,
com que a forte dynastia
assim findou sem valor!
e, mais notavel ainda,
é que a de Aviz tambem finda
nos crepes de lucto e dor!...

Como a de Affonso e a do Mestre
nasceu forte a de Bragança;
ostenta poder terrestre,
e, com altiva pujança,
'num feito de armas famoso
sacode um jugo odioso,
liberdade em fim alcança.

Se acaso, ó Deus dos imperios,
por lei cruel e fatal,
em teus profundos mysterios
lhe destinas sorte igual,
outra vez 'nessa agonia
salva a nossa autonomia,
salva o nome a Portugal!

II

Incompleta restava a grande emprêsa
do heroe de Sagres, do preclaro Henrique,
sonhando mundos, antevendo imperios,
libycas terras.

Do Estreito até ao cabo Tormentorio
as ilhas surgem nunca d'antes vistas,
extensas regiões, ricas cidades,
barbaros povos.

As quinas portuguezas exalçadas
'nAfrica ardente o portuguez dominio
ao vento livre d'esse ignoto clima
tremulas dizem:

Dá fructo a idêa, que na fronte ao sabio
a c'rôa põe de myrtho e verde louro;
mas falta um homem que não tema bravos,
indicos mares;

mas falta um homem audacioso, intrepido,
que possa eternizar duas memorias,
que possa realizar do sabio a idéa,
válido e forte,

no mar profundo procurar passagem
para as terras que banha o Indo, o Ganges,
domando os ventos, evitando escolhos,
tumidas vagas,

á patria, a toda a Europa, ao universo
de par em par abrindo do Oriente
cerradas portas, indicando em Cartas
madidas vias;

madrepora do mar á patria presa,
que os braços seus desenvolver costuma,
levar na cruz de Christo ao mundo idólatra
balsamo santo;

ás terras d'alem mar, a virgens povos
o idioma levar, a fé e as crenças,
da familia, do amor, da caridade
vinculos santos.

É esse grande heroe Vasco da Gama!
Eis o forte varão, que em nossa historia
a mais grandiosa, a mais brilhante
pagina deixa.

Musa, que ao vate predilecto inspiras,
genio dos fortes que seu estro inflammas,
mudae meu rude metro em doces versos,
melicas vozes.

Dae que o pobre cantor, da patria amigo,
ao grande vulto renda vassallagem,
como povos sem conto outr'ora as pareas
tímidos deram.

III

Parte a frota do Gama. A foz do Tejo
curioso um povo immenso arde em desejo
de se despedir d'ella;
prospero vento já enfuna a vela
da nau *S. Gabriel,* em mar banzeiro,
e na faina do mar o marinheiro
saudoso diz adeus á patria bella.

Na curva flor das aguas a flotilha,
qual oasis no mar, qual movel ilha,
n'agua volta e revolta,
até que á brisa todo a vela solta,
e se afasta e se esconde. Boa viagem!
Assim te dê o mar franca passagem
no dorso altivo, quer na ida ou volta!

De dezembro era o mez: do promontorio
que primeiro chamaram Tormentorio,
alem assoma o vulto,
ingente, ameaçador, feroz, inculto:
rugem-lhe em volta entumecidas vagas,
como guarda infernal que 'nessas plagas
repellem, vingam bem qualquer insulto.

Que audacia no moderno ou tempo antigo
jamais pôde arrostar com tal imigo,
syrtes, escarcéus e ondas?
Que apenas furacões—não me respondas,
musa do patrio amor inspiradora,
mas que o luso valor sómente fôra,
ventos, vélas e naus, rumos e sondas!

Retrahe-te Adamastor, que passa ovante
Vasco da Gama, o intrepido almirante,
o nauta denodado,
de Paulo, seu irmão, acompanhado
e de Nicolau Coelho: na derrota
um cento de homens lhe tripula a frota,
cuja emprêsa dará grandioso brado.

A terra do Natal vae costeando,
com trabalhos crueis sempre luctando
aporta a Moçambique:
ali negra traição não lhe põe dique,
nem fim á emprêsa que na mente leva,
antes na lucta mais e mais se eleva
até que o nome seu eterno fique.

Poja em Melinde o argonauta ousado,
onde Malemo Cana exp'rimentado
a seu serviço toma;
no mar se engolfa que subjuga e doma,
quer subindo na vaga á mór altura,
quer baixando á liquida sepultura,
da qual vezes cento á flor assoma.

Não morre o homem que despreza a morte,
que assim zombando vae da imiga sorte
em prol da patria amada,
nos frageis lenhos de tão breve armada!
Eterna lhe farão lá 'nessas plagas
a fama sua bramidoras vagas,
embora o corpo se lhe volva ao nada.

Quebra o silencio no golfão profundo
de espaço a espaço o grito gemebundo
que das aves se escuta,
ou do mar o bramir na eterna lucta,
quando o piloto amigo a voz desata,
dando á brisa do mar esta volata,
emquanto ao leme em seu mister labuta:

Salvè, heroe lusitano,
que assombras o oriente,
com teu braço armipotente,
com teu valor sobrehumano!

Com indomavel vontade
dois abysmos senhoreias:
ao vento a furia encadeias,
ás ondas a liberdade!

A vèla doma o aereo;
o leme vence o segundo;
por baixo o pego profundo,
por cima o abysmo ethereo!

No céu o throno de Deus
brilhante, immenso, luzido,
no mar o céu reflectido!
Navegas entre dois céus!

Não póde a maior grandeza
aspirar nenhum mortal!
Salvè, pois, ó Portugal!
Salvè, Gama, a tua emprêsa!

Aporta a Calecut o grande vulto,
e a India inteira, estupefacta, um culto
ao heroe tributava,
que a todo o mundo com valor mostrava
extensas regiões, diversos povos,
em não sulcado mar caminhos novos,
cuja existencia mal sequer sonhava!

Abertas são as portas do Oriente,
da região de Ophir aurifulgente,
das sedas, do marfim;
desmaia em seu commercio o vil chatim;
do Mar Vermelho vão ermar os portos,
jazendo cá mais perto, semi-mortos,
Veneza, Alexandria, o Cairo, emfim.

Vem-nos d'Aden, d'Ormuz e de Bengala,
de Sumatra e Ceylão a linda opala,
perolas, rubis e ouro:
derrama sobre nós o grão thesouro
Arabia, a fertil Persia, a India e China,
e ao ávido europeu cega e fascina
mais a riqueza do que o marcio louro.

Prospéra Portugal: o seu commercio
de Lisboa se estende ao Golfo persio
pela costa africana;
e a nascente de bens que d'elle mana
procede d'esse audaz commettimento,
findado com valor, com ardimento,
«mais do que promettia a força humana».

Cruzam no mar do sul as naus da Europa;
nos asiaticos portos já se topa
o atrevido hollandez:
no sino arabico vae morrer Suez,
e as immensas riquezas do Oriente
ao velho mundo vem directamente
depois que lá chegára um portuguez!

Jaz, ó Tercenebal, do teu Infante
cercado o nome de esplendor brilhante
da gloria no fastigio.
Já chimera não é o grão prodigio
do sabio pensador. A véla solta
o nauta valoroso; a Lysia volta,
após deixando perennal vestigio.

Não luctes com o mar, soberbo Tejo,
que á patria amada submettido o vejo
tornar Vasco da Gama;
sê Indo e Ganges, o teu dorso acama,
que já perto se vê, qual sentinella
da nau *S. Gabriel,* a branca véla
que ao reino vem trazer perpetua fama.

Salvè, tres vezes, semi-deus dos mares!
preclaro vencedor de mil azares
que pelos teus anceias!
Vaes a final pisar patrias areias,
vaes tornar-te immortal entre os primevos,
emquanto o bronze resistir aos evos,
emquanto o prélo transmittir idéas!

Evora, 1871.